

Raspadinha do Património.

O incentivo do Estado ao aumento da dependência

Cada português gasta em média 160 euros por ano em raspadinhas. Em comparação com Espanha, o número é mais de dez vezes maior.

JOANA FAUSTINO
joana.faustino@newsplex.pt

Resolver um problema criando outro: é desta forma que profissionais de saúde se referem à forma encontrada pelo Governo para financiar o património cultural, pois a proposta de criar uma nova Raspadinha – que deverá faturar cinco milhões de euros – deverá contribuir para mais “agarrados” ao jogo.

De acordo com o Orçamento do Estado para 2021, prevê-se a criação de uma Lotaria Instantânea do Património Cultural. O psicólogo Pedro Hubert trabalha como técnico de aconselhamento em adições no Instituto de Apoio ao Jogo (IAJ) e afirma que “poderia haver outras formas de arrecadar dinheiro sem ser através de um comportamento que pode vir a ser de risco”.

A lotaria instantânea nasceu em Portugal em 1995, tendo ganho o nome oficial de Raspadinha em 2010. Desde então que o número de jogadores não para de aumentar e a prova disso está no facto de que este jogo representa mais de 50% dos lucros dos Jogos Santa Casa. O facto de se poder raspar tantas vezes quantas se desejar e de se saber o resultado segundos após a compra torna as raspadinhas um jogo “com características que podem ser consideradas aditivas”, afirma Pedro Hubert ao *i*.

A DEPENDÊNCIA No ano passado, a Organização Mundial da Saúde reconheceu a dependência do jogo como uma “doença de saúde mental” e “tem critérios de diagnóstico muito semelhantes às dependências de substâncias como tabaco e álcool”, constata o psicólogo. A diferença em relação à dependência de substâncias é que esta “é uma adição comportamental” e, por isso, muitas vezes negligenciada: “As pessoas ainda pensam que é uma questão de força de vontade, e não de dependência”.

Pedro Hubert explica que para que se desenvolva uma dependência é necessário que exista uma predisposição individual e há fatores de risco que contri-

buem para tal. Um desses fatores é a preexistência de problemas do foro da saúde mental como a “ansiedade e a depressão”, mas os reformados, por exemplo, são também um grupo propício a desenvolver esta adição, visto que “não têm muito com que se entreter e vêm a hipótese de ganhar ali algum dinheiro”. O psicólogo refere ainda que o *marketing*, a publicidade, o acesso fácil e a rapidez da resposta no prémio são mecanismos que influenciam a promoção do jogo. Quando todos estes fatores se juntam “pode haver risco,” tornando o jogo “mais perigoso para essas pessoas que têm essa tal predisposição”. O facto de a raspadinha ser um jogo que não requer

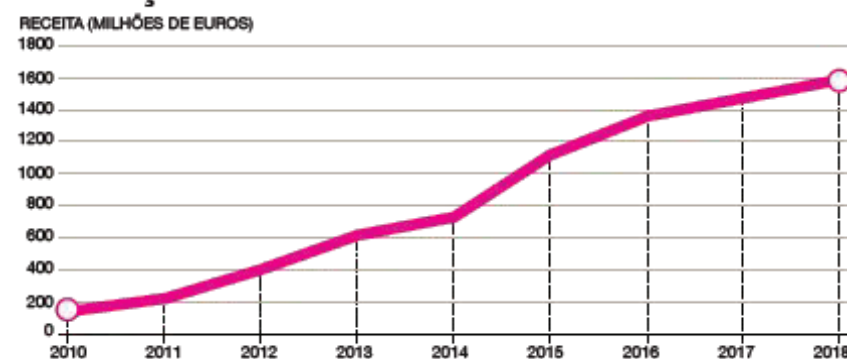
muito investimento – o preço dos cartões vai de 1 a 10 euros – nem conhecimentos específicos aumenta o impulso para jogar.

REGULADOR VS. PROMOTOR Pedro Morgado, psiquiatra e professor da Escola de Medicina da Universidade do Minho, coautor do estudo “Raspando à superfície de uma ameaça negligenciada: o enorme crescimento da lotaria instantânea em Portugal”, afirma ao *i* que “uma vez que os jogos de sorte e azar têm um potencial aditivo que conduz a problemas pessoais, familiares e sociais muito significativos, o Estado deve ser um regulador, e nunca um promotor”. De acordo com o psiquiatra, o número de pessoas que procuram ajuda por jogo patológico está a aumentar em Portugal e a lotaria instantânea é uma das causas desse fenómeno. Nesse mesmo estudo pode ler-se que cada português gasta em média 160 euros por ano em raspadinhas, mais de dez vezes que no país vizinho, onde o valor é de apenas 14 euros.

Se o Estado “promove o jogo e tenta ganhar dinheiro com uma atividade que tem fatores de risco, também tem de se responsabilizar pelas pessoas que possam vir a ter problemas com isso”, acredita Pedro Hubert. No entanto, não é isso



EVOLUÇÃO DAS VENDAS DE RASPADINHA



Curiosidades

1974, USA

A lotaria instantânea nasceu em 1974, nos Estados Unidos da América. A ideia foi do cientista de computadores John Koza.

1995, Portugal

Em 1995, a raspadinha chegou a Portugal com o nome de Lotaria Instantânea. Só 15 anos depois ganhou o nome de Raspadinha. Este ano, o jogo comemorou os 25 anos de existência.

Dois milhões de euros

Em 2019, os Jogos Santa Casa venderam 745 543 760 raspadinhas aos seus mediadores e atribuíram cerca de dois milhões de euros em prémios com este jogo.

Cinco mil pontos de venda

Neste momento, a Santa Casa da Misericórdia conta com cerca de 5 mil mediadores por todo o país. Até ao próximo ano, esse número vai aumentar em cerca de 1500.

Prevalência em mulheres

De acordo com os dados do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD), cerca de um terço dos portugueses apostam na raspadinha, que é o único jogo em que há mais mulheres do que homens a jogar.

Os lucros da Raspadinha serão usados para proceder a intervenções no património cultural e sua valorização

DREAMSTIME

que acontece. Pelo contrário, a publicidade é cada vez mais comum e “as notícias de ‘milagres’ na raspadinha são recorrentes, e não há qualquer mecanismo de controlo”, afirma Pedro Morgado. O psiquiatra admite que “o Estado já faz muito pouco relativamente às pessoas que têm problemas de jogo” e os benefícios que pode obter com os lucros explicam a “demora em atuar de acordo com os consensos que os especialistas têm vindo a defender”.

PREVENÇÃO E TRATAMENTO Para os especialistas, é necessário que se invista na prevenção e tratamento não só da dependência do jogo mas da saúde mental no geral. Pedro Morgado afirma que as “doenças psiquiátricas são demasiado invisíveis para que a sociedade se mobilize verdadeiramente em defesa dos seus direitos”. A adição ao jogo, por ser comportamental, é mais difícil de ser identificada e, por isso, as pessoas “recorrem menos a ajuda profissional e a grupos de autoajuda”, acabando por não receber o tratamento adequado, explica Pedro Hubert.

Para que se faça essa prevenção é necessário que a população esteja alerta para a existência de riscos quando se aposta. Mas a verdade é que “a maioria das pessoas que sofrem de jogo patológico nun-

ca foram informadas acerca do problema”, afirma Pedro Morgado. O psiquiatra fala na inexistência de mecanismos de autorregulação como, por exemplo, um cartão de jogo, como existe nos casinos ou em determinados jogos *online*, que permite que o jogador seja impedido de continuar a apostar quando chega a gastar um certo valor.

O psicólogo Pedro Hubert declara que a regulação deveria ser feita “não só por parte do Estado mas também por parte dos órgãos que vendem o jogo”, e questiona: “Será que quem vai promover as raspadinhas está atento às pessoas de risco e à publicidade que vai fazer? Vai promover uma linha de ajuda?” Se tal acontecer, acredita que “não há razão para diabolizar o jogo”.

Em 2019, as vendas da raspadinha geraram 1718 milhões de euros e, na proposta do OE 2021, as previsões são de que a Lotaria Instantânea do Património Cultural resulte em cerca de cinco milhões de euros líquidos. Esse lucro será usado para contribuir para as “despesas com intervenções de salvaguarda e valorização do património cultural”, pode ler-se no documento. Recorde-se ainda que a proposta, apesar de prevista no Relatório do Orçamento do Estado para 2021, carece ainda de aprovação.

O Estado prevê gerar um lucro de cerca de 5 milhões de euros com a nova Lotaria Instantânea do Património Cultural

O psiquiatra Pedro Morgado acredita que “o Estado deve ser um regulador e nunca um promotor” do jogo